

# **O DESENHO GRUPAL DE MÃES COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA PERSONALIDADE DOS PAIS DE CRIANÇAS SUBMETIDAS A PSICODIAGNÓSTICO EM GRUPO\***

Maria Ligia Leite Arruda & Manoel Antônio dos Santos

*Universidade de São Paulo*

RESUMO - O presente artigo tem como propósito descrever e discutir a aplicação de uma técnica gráfica projetiva (desenho grupai mediante um tema dado) empregada para a avaliação da personalidade de mães de crianças que estavam sendo paralelamente submetidas a psicodiagnóstico em grupo. O objetivo dessa investigação era examinar a utilidade deste instrumento diagnóstico, administrado como complemento à avaliação psicológica das crianças. Procurou-se identificar no contexto familiar da criança possíveis fontes para suas dificuldades de aprendizagem. O desenho das mães evidenciou características de personalidade dos pais, que se mostraram essenciais para a compreensão de alguns dos problemas apresentados pelas crianças.

## **MOTHER'S GROUP DRAWING AS AN INSTRUMENT FOR EVALUATION OF PERSONALITY TRAITS OF PARENTS WHOSE CHILDREN ARE SUBMITTED TO IN-GROUP PSYCHOLOGICAL DIAGNOSIS**

ABSTRACT - The present article describes and discusses the use of a projective graphic technique which was employed to assess personality characteristics in mothers whose children were being submitted to an in-group psychological diagnosis. The purpose of the study was to examine the utility of this diagnostic instrument, which was administered as a complement to the children psychological evaluation. That was done in an attempt to identify, in the child's family context, possible sources of his/her learning difficulties. The drawings of the mothers evidenced parent's personality traits which proved useful in understanding some of the problems displayed by the children.

---

\* Trabalho apresentado na XXXVIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (S.B.P.C), Curitiba, julho de 1986.

\*\* Os autores agradecem a colaboração da psicóloga Márcia Casella Severo no trabalho de elaboração da técnica e na supervisão dos grupos-diagnóstico.

\*\*\* Endereço para correspondência: Conjunto Residencial da USP Bloco B, Apt? 604, Cidade Universitária, São Paulo - SP, CEP 05508. Fone: 210-2543 (recados).

## INTRODUÇÃO

No diagnóstico clínico dos problemas de aprendizagem, a adoção de novas técnicas se faz necessária, considerando-se as especificidades dos objetivos e das condições da avaliação psicológica em instituições. A busca de modelos alternativos de atendimento clínico é uma necessidade cada vez mais premente, tendo sido apontada por diversos estudos realizados nos últimos anos (Jubelini, 1982; Macedo, 1984; El-Id, 1985).

Obedecendo a essa necessidade da criação de modelos alternativos de trabalho no contexto institucional, elaboramos um modelo de psicodiagnóstico infantil em grupo que inclui, numa de suas etapas, a aplicação de um desenho em conjunto ao grupo de mães. No presente trabalho, pretendemos relatar e analisar essa experiência, em termos de sua aplicabilidade técnica e de seu valor diagnóstico.

### **Caracterização da instituição onde se desenvolveu a experiência**

O trabalho a que se refere o presente relato foi desenvolvido por dois estagiários em uma Clínica Psicológica vinculada ao Departamento de Saúde Escolar da Secretaria de Educação da Prefeitura do Município de São Paulo. Este Serviço de Assistência Psicológica destina-se ao atendimento de alunos de pré-escola, primeiras e segundas séries, em uma faixa etária que varia de 4 a 12 anos aproximadamente, encaminhados pelas Escolas Municipais (E.M.) e Escolas Municipais de Educação Infantil (E.M.E.I.). As queixas mais freqüentes relacionam-se a dificuldades de aprendizagem e/ou distúrbios de conduta.

A clientela é preferencialmente composta de indivíduos de nível socioeconômico e cultural desprivilegiado.

### **Caracterização do modelo de atendimento adotado**

A técnica do desenho grupai para mães se insere dentro de um modelo de psicodiagnóstico em grupo, tendo como características básicas:

a) Os grupos de crianças e de mães eram formados cada um por 6 componentes e coordenados por dois estagiários que eram supervisionados por uma psicóloga clínica; todavia, por vicissitudes próprias à prática clínica em instituição, o número de componentes em cada grupo acabou variando entre 4 e 6. Grupos de crianças e grupos de mães eram atendidos separadamente.

b) O objetivo do trabalho era o de realizar um diagnóstico psicológico dentro de um modelo de atendimento grupai, a fim de atender à demanda da instituição e adequar o atendimento às suas peculiaridades, mantendo, contudo, o nível de qualidade do mesmo.

c) As crianças eram selecionadas com base nos seguintes critérios: **idade** (deveriam ser preferencialmente da mesma faixa etária), **sexo** (priorizava-se o trabalho com grupos mistos, a fim de melhor reproduzir uma situação natural) e **período escolar** (as crianças deveriam freqüentar a escola em um mesmo período, a fim de não terem prejuízo em suas atividades escolares).

d) O plano de atendimento em grupo adotado constou das etapas descritas no Quadro 1. Uma descrição mais pormenorizada pode ser obtida consultando-se o trabalho de Santos e Arruda (1986a). Foi realizada uma sessão a cada semana, à exceção da 5.º e 6.º sessões, que foram realizadas em uma mesma semana,

totalizando assim cinco semanas. Uma alternativa seria a realização de várias sessões em uma mesma semana, a critério das necessidades do cliente e da instituição.

QUADRO 1:

Esquema seqüencial do atendimento.

Sessões	Grupo	Tarefa	Tempo
1. <sup>a</sup>	Mães	Triagem, enquadre do trabalho, contrato, queixa livre, fantasias de doença e de cura, desistência e encaminhamentos individuais. (*)	1:30 h
2. <sup>a</sup>	Crianças	Hora lúdica grupai: - Livre - Dirigida (testes passíveis de aplicação grupai)	50 min 40 min
3. <sup>a</sup>	Crianças	Contato individual (aplicação de testes)	2 h ou mais (*)
4. <sup>a</sup>	Mães	Desenho grupai Anamnese seletiva	40 min 1:15 h
5. <sup>a</sup>	Mães	Devolutiva grupai	2 h
6. <sup>a</sup>	Crianças	Devolutiva grupai	1 h

(\*) Quando houver necessidade.

A técnica adotada pressupõe a formação do grupo-diagnóstico já a partir da entrevista de triagem (1.<sup>a</sup> sessão). A idéia é valer-se do primeiro contato do cliente (mães) com a instituição por tratar-se de um momento marcante, onde se configura o tipo de vínculo que vai ligá-lo à instituição, podendo portanto reforçar ou não a sua confiança no trabalho que está sendo proposto. O fato de as mães se engajarem em um grupo que se compromete a seguir o processo que então se inicia pode lhes fornecer continência para as ansiedades suscitadas. Adota-se a técnica de entrevista semidirigida, em que a investigação da queixa e das fantasias de doença e de cura (ou seja, qual o significado do problema da criança para a família e quais as expectativas da família em torno da intervenção do psicólogo) serão fundamentais para o posterior levantamento de hipóteses diagnósticas.

O primeiro contato com as crianças (2.<sup>a</sup> sessão) consta de duas etapas: uma atividade livre (hora lúdica), que nos permite observar diretamente o comportamento da criança na sua interação com outras de sua faixa etária, e uma atividade dirigida, em que se solicita a cada criança que realize separadamente um Desenho Livre e, em seguida, conte uma estória sobre o mesmo. Posteriormente, aplicamos o Teste Gestáltico Viso-Motor de Bender ou o Pré-Bender, conforme a faixa etária dos integrantes do grupo. Avaliamos então a necessidade ou não de uma segunda entrevista com aquelas crianças que requerem uma testagem individual para a

investigação mais pormenorizada daqueles aspectos de personalidade que se suspeitam estarem mais comprometidos.

No contato individual com as crianças (3.<sup>a</sup> sessão), aplica-se um teste projetivo e/ou de nível intelectual (geralmente o CAT ou o WISC), dependendo das hipóteses diagnósticas.

A 5.<sup>a</sup> sessão comparecem apenas as mães, para a realização do Desenho Grupai e da anamnese seletiva. Os pontos de investigação são previamente selecionados de acordo com o levantamento das hipóteses diagnósticas. A inserção do desenho grupai antecedendo à investigação mais pormenorizada da história de vida de cada criança justifica-se pelo fato de esta técnica muitas vezes deslançar um discurso (por exemplo, em torno da vivência familiar), por vezes tão rico e informativo que dispensa alguns pontos que seriam focalizados na anamnese.

Para a entrevista de devolução com as mães (6.<sup>a</sup> sessão), trazemos o Desenho Grupai realizado e, a partir de nossas interpretações acerca do material e da dinâmica do grupo, enfocamos os pontos essenciais a serem devolvidos. Por exemplo: a questão da não utilização de cores nos desenhos de um determinado grupo é trabalhada partindo-se da exposição de duas gravuras (que contém um mesmo desenho, embora um seja colorido e o outro, monocromático) e das reações que estas suscitaram nas mães, como a "ausência de vida" e "tristeza" na monocromática e reações opostas frente à colorida. Procuramos trabalhar **junto com** o grupo, no sentido de favorecer-lhe os **insights**. Cada elemento contribui com suas próprias percepções acerca de cada caso.

Da devolutiva grupai com as crianças (7.<sup>a</sup> sessão), participam aquelas que dispõem de recursos egóicos suficientes para elaborar o material a ser devolvido. Normalmente aplicamos dois desenhos para cada criança, entremeados com a compreensão que obtivemos sobre suas dificuldades, bem como o encaminhamento dado. O segundo desenho indica o quanto a criança assimilou do que lhe foi dito, tendo portanto um caráter prognóstico.

### **O desenho das mães no psicodiagnóstico de crianças em grupo**

O desenho grupai de mães consiste em uma técnica gráfica projetiva aplicada no contexto do grupo diagnóstico de crianças com o intuito de aprofundar a investigação das dificuldades por elas apresentadas, a partir de uma compreensão mais global da personalidade de seus pais e da dinâmica familiar em que estão inseridas. O tema do desenho é sugerido pelos coordenadores com base nas queixas mais freqüentes.

## **MÉTODO**

### **Sujeitos**

Foram investigados seis grupos diagnósticos, dentre aqueles que concluíram o processo sem evasão de nenhum componente. Nestes grupos os componentes variaram entre 4 e 6 mães. Esta variabilidade do número de componentes de grupo para grupo é um fator inerente ao trabalho institucional, onde existe uma dificuldade de comunicação entre clínica e escola que, aliada às condições sócio-econômicas da clientela atendida, geram uma imprevisibilidade acerca do número de clientes que comparecem a cada convocação.

## **Procedimento**

O material consistia em uma cartolina, lápis preto n.º 2, borracha e uma caixa de lápis de cor, que ficava disponível numa mesa próxima àquela em que as mães trabalhavam. Após o estabelecimento de um bom "rapport" entre examinandos e aplicadores, as mães se acomodavam da maneira como desejavam ao redor de uma mesa, onde o material havia sido previamente preparado. Era dada a seguinte instrução: *"Hoje iremos fazer um trabalho diferente com a finalidade de conhecê-las melhor. Gostaríamos que fizessem um único desenho, juntas e nesta folha. Podem conversar e discutir o que e como fazer, porém todas devem desenhar. Quem quiser lápis de cor, pode pegá-los nessa outra mesa"*.

Em seguida, era dado o tema, que variava de um grupo para o outro. Por exemplo, no grupo em que o eixo básico das reclamações era a dificuldade da relação com o filho, o tema proposto era: "Meu filho em minha casa". No grupo em que a dificuldade principal era tolerar a conduta do filho, o tema era: "Eue meu filho sozinhos em casa durante um dia inteiro". Explicávamos que o objetivo não era observar quem sabia desenhar ou não, mas tentar conhecê-las um pouco mais através de seus trabalhos. As mães tinham liberdade para discutirem entre elas o que fariam.

Concluída esta fase do desenho, os examinadores mantinham a cartolina na frente dos sujeitos e passavam a colher as verbalizações acerca dos pensamentos, fantasias e associações livres de cada mãe no momento em que desenhava: *"Gostaríamos que cada uma de vocês falasse algo sobre o seu desenho"*. Na eventualidade das mães demonstrarem dificuldades em elaborar suas associações, introduzimos um recurso auxiliar, dizendo-lhes: *"Vocês podem começar falando a respeito do que pensaram enquanto desenhavam"*. Ao final, solicitavam-se os esclarecimentos necessários à compreensão e interpretação daquilo que estava contido no desenho ou no relato, o que pode também incentivar novas associações.

Um dos coordenadores encarregava-se de anotar cursiva e detalhadamente as verbalizações espontâneas dos sujeitos enquanto desenhavam, a ordem de realização das figuras desenhadas, os recursos auxiliares utilizados, as reações expressivas e outros comportamentos observados durante a aplicação, como inibições, pausas, negativismo, etc. A ênfase das observações recaí sobre a dinâmica que se estabelece para a realização da tarefa proposta, entendendo que esta reproduz os aspectos fundamentais dos vínculos estabelecidos pela pessoa nas diversas situações de vida.

## **Condições de aplicação**

A aplicação foi grupai. O ambiente consistia em uma sala apropriada, com condições adequadas de iluminação natural e ventilação, silêncio e ausência de interrupções.

## **Análise dos desenhos**

A técnica de análise dos desenhos foi a da livre inspeção do material, não se partindo a princípio de nenhum referencial específico de análise, como uma das formas de avaliação possível do material projetivo. Em função da subjetividade que esta avaliação pode implicar, foram realizadas avaliações independentes por três juízes. Os juízes são psicólogos com ampla experiência clínica, além de possuírem

conhecimentos de técnicas projetivas. Cada juiz procedeu à sua análise considerando que a produção de cada mãe e a maneira como foi tratado o tema exprime seu dinamismo psíquico. Procurava-se detectar a atitude básica de cada sujeito em relação a si e ao mundo (submissão, autonomia, etc), a expressão de conflitos básicos, fantasias, desejos, temores, angústias e defesas básicas. A avaliação das produções gráficas foi complementada por uma análise dos aspectos gerais e formais: elaboração, resistências, utilização de cores, tamanho relativo, localização, conteúdo, perseveração e outros. Para a análise das verbalizações: recusas e dificuldades, seqüência, sentimentos, relação com o tema e o desenho. As interpretações dos avaliadores eram consideradas à medida que coincidiam entre si.

### **Relato de dois casos**

Dentre os grupos diagnósticos concluídos, selecionamos dois casos para relatar, em função de constituírem casos típicos em nosso trabalho. Trata-se de um caso de distúrbio de conduta e de um caso de repetência escolar, queixas bastante freqüentes quando nos reportamos a dificuldades de aprendizagem.

Para a apresentação dos casos selecionados, além das análises dos desenhos será utilizado o material recolhido dos estudos de caso de cada criança, que inclui as entrevistas com as mães, a sessão de hora lúdica e os testes de nível intelectual, psicomotor e projetivos realizados com a criança. Estes dados serão apresentados de uma maneira sucinta nas análises do perfil psicológico de cada criança.

#### **Primeiro Caso**

M.C., 33 anos, casada, servente escolar.

Queixa: Foi encaminhada pela escola para atendimento psicológico de seu filho M., de 6 anos de idade. Segundo ela, "M. faz os trabalhos escolares direitinho, seu problema é conversar demais. Por isso não vai bem na escola. Está sempre de castigo, quer jogar pedras nos outros, sempre tem reclamações dele. Bate nas crianças e diz que é porque elas batem nele". Além de M., M.C. possui ainda um filho de 11 anos e uma filha de 1 ano.

Dados Relevantes de Anamnese: Através da anamnese com a mãe foi constatado que a criança estuda em período dobrado (das 7 às 15 h) na escola em que a mãe trabalha como servente. No período da manhã, M. está mais calmo, mas à tarde sempre reclamam com a mãe a propósito de seu mau comportamento. A mãe fica nervosa e às vezes bate nele na escola, mas o faz escondido "para não pensarem que está batendo em filho dos outros". Em casa, bate com chinelo, às vezes puxa o seu cabelo e o belisca. M. dorme em um quarto separado dos pais, tem sono agitado, mexe-se a noite toda e fala dormindo. A mãe diz que em casa são todos nervosos, porque ela e o marido trabalham muito e não têm tempo para darem atenção aos filhos.

Descrição do Grupo e Escolha do Tema do Desenho: Este grupo era constituído por cinco mães, cujas queixas basicamente se relacionavam a vicissitudes do vínculo afetivo com a criança. Por esse motivo, o tema escolhido para o desenho foi: "Meu filho em minha casa".

Dinâmica Grupai: Três das quatro mães sentaram-se no lado oposto aos coordenadores (incluindo M. C), enquanto a quarta mãe, mais diferenciada do ponto de vista sócio-cultural, ocupou um lugar na mesa ao lado dos psicólogos.

T.		M. C
Coordenador		O.
Coordenador		A.

Dadas as instruções do desenho grupai, as mães manifestaram uma certa inibição para iniciar o trabalho, com ansiedade subjacente, expressa através de risos nervosos e de suas verbalizações:

M. C: Seria bom ter uma régua, né? (*Apanha dois lápis e utiliza um deles como régua. Como havia um único lápis disponível para cada mãe, O. fica sem lápis, mas diante disso não esboça qualquer reação.*)

T.: Vou desenhar como eu acho que é. Tem régua? Senão vai ficar caído...

O.: Devia mandar o pai. Lá em casa ele é que faz estas coisas. Eu, nem risquinho sei fazer.

M. C: Tem que fazer uma casa de qualquer jeito?

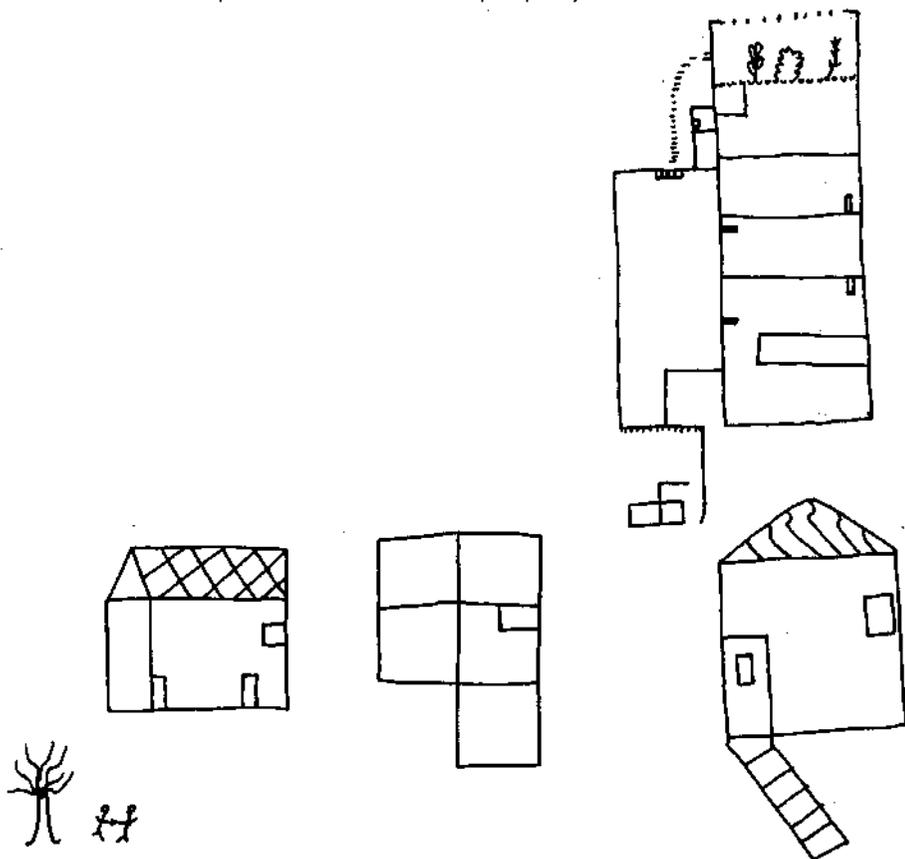


Figura 1: Desenho Grupai do primeiro caso relatado, mostrando o desenho de A. (quadrante inferior esquerdo), seguido pelo de O. e M. C (quadrante inferior direito). O desenho de T. situa-se no quadrante superior direito da cartolina.

Coordenador: Façam como quiserem.

T. *(para si mesma)*: Samambaias! *Minhas* rendas portuguesas!

O. *(apenas olha os desenhos das demais e sorri)*: Deixa eu ver os desenhos e pensar.

*(M. C. realiza seu desenho obedecendo a seguinte seqüência: base da casa, paredes, telhado, janela, porta e escada. Em seguida, deixa um de seus lápis escorrer pela mesa em direção a O., que o apanha e inicia timidamente o seu desenho).*

A.: Pronto! Está bom assim?

*(T. vai expandindo seu desenho cada vez mais, até invadir o espaço do desenho de M.C.).*

T. *(para M. C.)*: Você entrou no quintal da minha casa. *(Rindo)* Casa de fundos? *(rindo, resignada)*: E, vamos ser vizinhas.

A.: Meus filhos gostam de ficar em cima do pé de abacate.

T.: Não sei fazer bicicleta. Aqui é o quintal onde as crianças brincam.

O.: Vou pôr meu filho no sofá. Mas só que para mim fazer, eu não sei.

M. C.: As pessoas está meio difícil de fazer. Vou fazer uns bonecos aqui. *(Ouvindo isto, T. começa a desenhar pessoas em sua casa também.)*

A. *(para os coordenadores)*: Precisa fazer pessoas?

M. C. *(examinando seu trabalho)*: Não sei fazer desenho. Nunca fui boa para fazer desenho.

Verbalizações da mãe a partir do desenho: Ao ser indagada sobre o que havia pensado ao fazer seu desenho, M. C respondeu da seguinte maneira: "Pensei em fazer a casa com crianças, mas eu para desenho sou uma negação. E quintal para eles brincarem não tem. E dentro de casa mesmo, no quarto, na casa toda. E pequena mesmo. Eles brincam uns com os outros. Difícil ir amiguinho lá. Eles saem mais para "brincar fora do que ficam dentro de casa. Um fica com ciúmes das coisas do outro. M. tem ciúmes da pequena, pega os brinquedos dela. Tem hora que ele gosta de pegar ela, brincar, mas tem hora que ela não gosta porque ele aperta. Depois que a pequena nasceu, M. piorou, ficou muito nervoso. Ele adora o pai, até o perturba de tanto que o procura. O pai está sempre nervoso, querendo bater nele, embora mais fale do que bata. Os filhos já nem respeitam ele mais. Ele só dá carinho para a pequenininha. Os filhos ficam tristes e nervosos. E falta da gente mesmo, minha e do meu marido. Acho que tem que tratar todos igual. Trabalho oito horas por dia, fico agitada e nervosa quando chego em casa. As crianças ficam assim em um lugar muito apertado. Já quase não converso com o meu marido, estou decepcionada por ter casado errado. Ele não faz as minhas vontades. E marceneiro, mas até hoje não fez a porta do guarda-roupa do nosso quarto. Parece que as pessoas me desprezam, não ligam para mim e eu sinto muita falta de carinho. Sou complexada. Como posso dar carinho se não recebo? Os filhos vão ficando em último lugar. Estou juntando dinheiro escondida do meu marido para no futuro comprar uma casa em Minas para os meus filhos."

Personalidade da mãe como referência para a compreensão da personalidade da criança: M. C se coloca como uma mulher insegura, incompleta e insatisfeita em suas necessidades básicas de afeto. Percebe sua vida e a si própria como "um guarda-roupa sem portas" à espera de alguém que a complete ou que preencha o seu vazio interior. Devido ao seu sentimento de impotência para modificar a realidade sentida como opressiva e frustradora, projeta o bom em um futuro distante, representado pelo desejo da compra de uma casa, vale dizer, de um lugar

bom, em sua terra natal. Suas dificuldades afetivas ficam ainda mais claras quando verbaliza sua incapacidade de desenhar pessoas e na impossibilidade de tirar prazer de sua própria casa e de sua família. O espaço exíguo que seu desenho ocupa em relação à cartolina demonstra o quanto está bloqueada na sua possibilidade de lidar com o presente, porque então teria que encarar de fato o desamparo e a solidão (representados graficamente pela casa vazia de pessoas). Desse modo, sente que viver o presente é intolerável e, até mesmo em fantasia, impossível. Isto se evidencia à medida que, ao menos no nível do desenho, M. C. poderia projetar a casa de seus sonhos, caso não tivesse que prestar contas a um intenso impedimento interno, que faz seu desenho permanecer no canto da folha. Fica patente que sua depressão castra todo o seu potencial criativo e, com ele, o vislumbre de soluções adequadas para seus problemas. M. C. sente que, pelo fato de não receber do marido e das pessoas, também não pode dar afeto ao filho. Reduz, assim, ainda mais as suas possibilidades de dar e receber, ou mesmo de tomar posse do que possui. A coartação afetiva aparece também através do fato de não ter se disposto a usar cores no desenho.

Através da investigação psicológica da criança, constatou-se que M. apresenta transtornos de caráter e uma estrutura de personalidade pré-neurótica, com agressividade voltada indiferenciadamente contra todos, como reação a uma dinâmica familiar sentida como hostil e destituída de afeto. No contato com a criança percebeu-se uma intensa busca afetiva e necessidade de chamar a atenção sobre si o tempo todo, ainda que seja para receber punição por condutas inadequadas. Apresenta também uma atitude atenta e supercontroladora em relação ao grupo, defendendo o seu espaço e invadindo o do outro. A não aceitação de limites deve-se a uma incapacidade de conter sua angústia e impulsividade, o que é agravado pelas condições não facilitadoras do ambiente.

Concluindo, a compreensão da dinâmica de personalidade da criança é clarificada pela compreensão da dinâmica de personalidade da mãe e, por extensão, da dinâmica familiar, levantadas pelo desenho grupai.

Orientação à Escola: Uma vez que o diagnóstico é solicitado pela escola, julgamos de extrema importância devolver as conclusões mais importantes à mesma, bem como as recomendações, a fim de que não se verifique uma cisão no atendimento à criança. No presente caso, a escola foi orientada no sentido de favorecer a aquisição de um melhor autoconceito pela criança, adotando uma atitude coerente e firme diante de suas condutas. Diante dos comportamentos julgados inadequados, orientamos que se deve chamar sua atenção e explicitar os motivos pelos quais se espera que ele não os apresente. Seus comportamentos adequados devem ser reforçados e valorizados perante as outras crianças. Foi aconselhada a permanência da criança na escola por apenas um período, em virtude da deterioração de seu rendimento no segundo período. Paralelamente, submeter-se-á à Ludoterapia. A mãe foi encaminhada para Psicoterapia Individual gratuita, em outra instituição.

### Segundo Caso

M. A., 33 anos, casada, prendas domésticas,

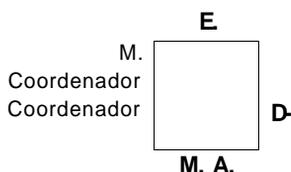
Queixa: Segundo a mãe, seu filho R. "é uma criança difícil. Fica o dia inteiro bagunçando, não faz lição e não fica parado de jeito nenhum. Não tem medo nem do pai nem da mãe, não respeita ninguém. Fala palavrão e joga coisas na gente". As queixas da escola se referem à desatenção, agressividade acentuada em relação

aos colegas e repetência na primeira série. Além de R., de 8 anos, M. A. possui ainda uma filha de 2 anos.

Dados Relevantes de Anamnese: R. nasceu de uma gravidez não desejada, uma vez que a mãe tinha medo do parto. A criança teve um desenvolvimento psicomotor e da linguagem normais. Até os 5 anos era impedida de brincar com outras crianças, devido aos ciúmes da mãe, que até hoje não o deixa sair a rua. Ao se referir ao filho, a mãe se emociona e fala com dificuldade: "Falar dele demoraria um dia, nem consigo falar. Tenho que tomar calmante para dormir." Segundo M. A., quando R. apanha quer devolver em quem bate, chegando a agredir os pais, que já não sabem mais o que fazer com ele. M. A. diz que R. ficou contente com o nascimento da irmã, mas queria um irmão. Gosta dela, mas a aperta de vez em quando e manda a mãe dá-la para alguém. Ela acredita que o problema de R. é alguma coisa - uma "fraqueza" - na cabeça, apesar de ter feito três EEGs com resultado normal. Os tios maternos recomendam colocá-lo na FEBEM.

Descrição do Grupo e Escolha do Tema do Desenho: Este grupo era constituído por 4 mães, cujas queixas basicamente giravam em torno da dificuldade em lidar com seus filhos, considerados crianças que exigiam uma atenção para além de suas disponibilidades. Por isso, o tema escolhido para esse grupo foi: "Eu e meu filho sozinhos em casa durante um dia inteiro".

Dinâmica Grupai: Cada mãe sentou-se em um lado da mesa, tendo M. A. ocupado um lugar ao lado dos coordenadores.



Dadas as instruções do Desenho Grupai, M. A. não se contém e ri muito. Em seguida pede desculpas. Antes de iniciarem o desenho, as mães verbalizam suas dificuldades em relação ao tema proposto:

M.: Cada uma desenha o seu?

Coordenador: Façam da maneira que acharem melhor.

E.: Não olhe para mim. Se você me mandasse sentar numa máquina de costura... (*Referindo-se a psicóloga.*)

M. A.: Não dá para dar outro tema? Se me mandasse fazer um bolo, arroz-doce... Pode ser uma árvore? (*Distribui um lápis para cada mãe.*)

E.: O que vou fazer aqui? A única coisa que o meu filho faz é pegar papel e rasgar.

M.: E o meu é queimar. Ele diz: "Vem mãe, ver como é bonito a fumaça subindo".

E. (*para M.*): Você tem que pensar...

M. A.: Ah, quando eu vou brincar com R., ele me machuca. Na hora que dou carinho, ele me aperta. Reclama que só dou carinho para a outra.

M.: Vou fazer uma casa. (*Inicia o desenho.*)

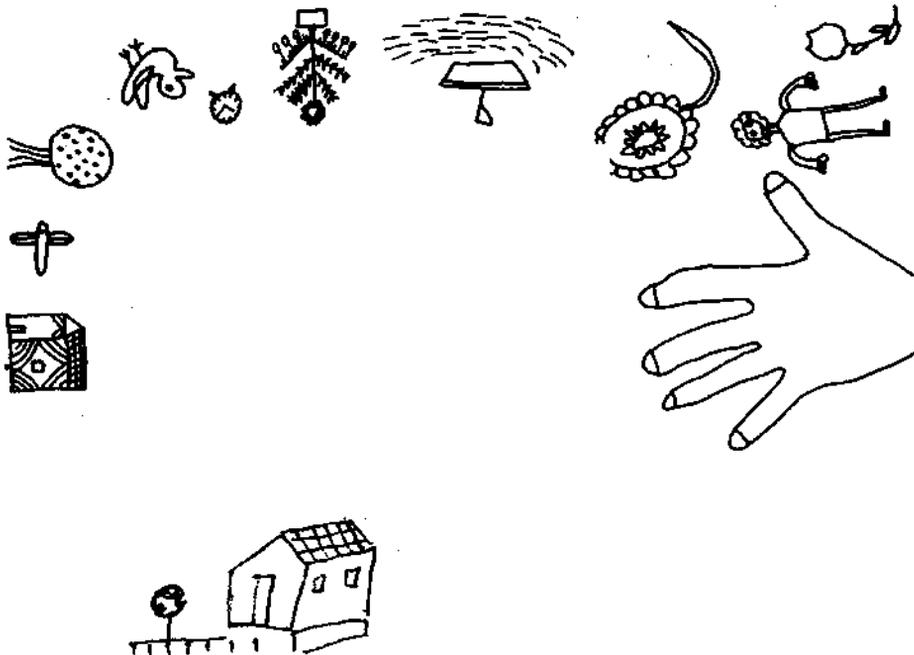


Figura 2: Desenho Grupai do segundo caso relatado, mostrando o desenho de M. A. (à direita da cartolina), D. (metade superior), E. (à esquerda da cartolina) e M. (quadrante inferior esquerdo).

E. *{para M.}* Eu desenho a sua casa e você desenha a minha.

M. A.: Quando não temos nada para fazer e R. está muito agitado, vamos dormir à tarde.

D. *{para M. A.}*: Então faça ele e a cama.

M. A. *{referindo-se à cartolina}*: E um pedacinho para cada uma? Eu vou fazer no meio. E você? *{Dirigindo-se a D. e fechando o seu decote com um gesto de censura}*.

D.: Eu nem sei se vai dar certo. Dá uma dica para a gente. *{Dirigindo-se aos coordenadores.}*

M. A.: Por isso é bom treinar em casa. Assim aqui a gente não passava uma dessas. Eu queria ser ela. *{Apontando a psicóloga.}* Minha mãe teve muitos filhos e não estudou. Eu não queria ter filhos, só que fiquei grávida dois meses após o casamento.

E. *{para M. A.}*: Agora não vem ao caso. A criação é sua.

M. A.: Vou fazer a minha mão. Meu dedo é torto e vai sair torto. Não sei fazer *{Neste momento as três mães desenham, exceto E.}*.

M. A.: Escreve o seu nome, o de seu marido, de sua filha e por fim de R. dentro da mão desenhada. Apaga o nome de R. e diz que não sabe escrevê-lo direito. De fato, entre todos os nomes, é o único que grafa de uma maneira incorreta. Após desenhara mão, M. A. desenha uma figura humana e coloca que é assim que o filho a desenha: como a figura mais feia da família. Em relação ao uso de cores, parte

dela a iniciativa de apanhar a caixa de lápis de cor na outra mesa, para colorir seu desenho. Colore toda a mão com amarelo e a ponta dos dedos com vermelho, deixando monocromática a figura humana.

Personalidade da mãe como referência para a compreensão da personalidade da criança: M. A. apresenta um contato com intensa e ansiosa busca afetiva, porém com muita dificuldade em lidar com os afetos devido à não discriminação de limites. Isto gera ora uma atitude impulsiva e invasiva (reproduzida no grupo através de um "despejo" de afetos: por exemplo, fechar inadvertidamente o decote de uma das mães), ora um fechamento que a impede de dar afeto (exemplificado através de sua atitude de dormir quando se vê impossibilitada de conter ou tolerar a impulsividade da criança). O amarelo enfatizado denota agressividade e hostilidade, enquanto o vermelho parece representar certa excitabilidade e impulsividade no contato, ressentindo-se de um controle sobre a expressão da vida emocional e afetiva. Por outro lado, a dificuldade em estruturar o desenho em um conjunto integrado e harmonioso (apresenta uma coleção de objetos organizados de um modo incoerente) revela também imaturidade.

Nota-se uma dificuldade em assumir o papel de mãe, o que fica evidenciado pela ambivalência com relação ao desejo de ter filhos (coloca que desejava jamais ter filhos, porém ficou grávida dois meses após o casamento).

Percebe-se em M. A. sentimentos de inadequação e uma autodesvalorização intensa, revividos na situação transferencial em que projeta na psicóloga o ideal de feminino que julga não possuir, ao mesmo tempo em que coloca na criança a percepção de que ela é mesmo a figura mais feia da família. A mão desenhada pode ser entendida como um sinal de alerta para o filho, como se desejasse lhe dizer: "Pare, não o agüento mais". Também a dificuldade em escrever o nome de R., assim como sua colocação em último lugar, mostra o quanto está sendo difícil dar limites à criança e o quanto esta vem sendo preterida em relação à irmã na preferência materna.

R., assim como sua mãe, apresenta um contato bom e afetivo, porém ressentindo-se da falta de limites claros e evidenciando uma revolta intensa contra a atitude supercontroladora que parte principalmente da figura materna. Esta revolta tem também um aspecto reativo sadio, à medida que a criança se vê prejudicada em seu desenvolvimento ao ser privada de desfrutar de situações prazerosas, como brincar na rua com os colegas. Insatisfeita em sua voracidade, tenta buscar fora de casa a satisfação para as suas necessidades. Contudo, a repetição do modelo de relacionamento familiar, em que os pais não se mostram capazes de fornecer-lhe modelos adequados de expressão e contenção de seus impulsos, dificulta sua interação com novos ambientes, como o escolar, o que intensifica sua hostilidade. As dificuldades de relacionamento com os demais estão de tal modo ocupando a vida afetiva de R. que se torna difícil o investimento de energia nas atividades escolares. Podemos assim compreender a sua repetência na primeira série, apesarde seu bom potencial intelectual. Para R., a mãe o sustenta em uma situação insatisfatória, ao mantê-lo junto de si e não o satisfazer em sua voracidade. O foco de sua problemática aparece ligado à chegada da irmã aos cinco anos. Sentindo-se afetivamente discriminado em relação a ela, R. passou a atuar sobre as outras crianças com quem se relaciona sua intensa carga de agressividade.

É interessante confrontar os desenhos da mãe com aqueles que a criança realizou ao longo do processo psicodiagnóstico. Estes nos mostram que, assim como a mãe, a criança também simboliza dificuldades semelhantes no contato,

porém através da mutilação sistemática dos membros da figura humana. Antes de mais nada, trata-se de uma dificuldade de se situar no mundo (perceber os limites do contato com o outro) e também de se situar em relação ao próprio corpo (perceber os limites de si mesmo).

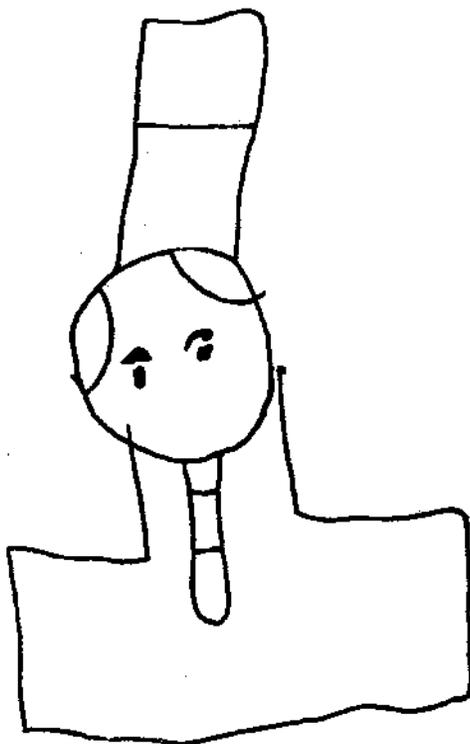


Figura 3: Desenho de R., realizado no início da Entrevista de Devolução, sobre o tema: "Desenhe como você se vê hoje".

Na entrevista devolutiva com a criança, solicitamos inicialmente que ela desenhasse a si própria, no tema: "*Desenhe como você se vê hoje*". A criança se desenha sem os membros superiores, inferiores e a boca. Em seguida, após esclarecermos à criança alguns aspectos relativos às suas dificuldades frente à situação familiar, assim como nossa orientação para o caso, solicitamos-lhe que fizesse um outro desenho, no seguinte tema: "*Desenhe como você se imagina depois do tratamento*". A criança deu o seguinte título para seu desenho: "Menino cumprimentando um amigo". Nele transparece sua fantasia de cura: no caso, o desejo de poder manter bom relacionamento e contato afetivo com o mundo (simbolizado na inclusão dos membros e da boca pela primeira vez no processo diagnóstico, assim como nos aspectos criativos representados pelos frutos da árvore).

Orientação à Escola: À escola, que em seu encaminhamento apresentara a criança como um delinqüente em potencial, foram dadas as seguintes orientações: R. apresenta basicamente um distúrbio de conduta em razão de estar sendo reforçado por seus maus comportamentos, ao obter dos adultos a atenção (que normalmente demanda) apenas em situações negativas, de mau-trato dos colegas ou de rebeldia. Solicita constantemente o reconhecimento do outro e, para tanto, não hesita em agredir. Deve-se tentar quebrar esse círculo vicioso através da imposição de limites firmes, porém explicitados, além de se procurar satisfazê-lo em suas necessidades de receber atenção e afeto perante suas condutas construtivas. Paralelamente submeter-se-á à Ludoterapia. A mãe foi encaminhada para Grupo de Orientação com a finalidade de se conscientizar acerca de sua necessidade de se submeter à Psicoterapia Individual.

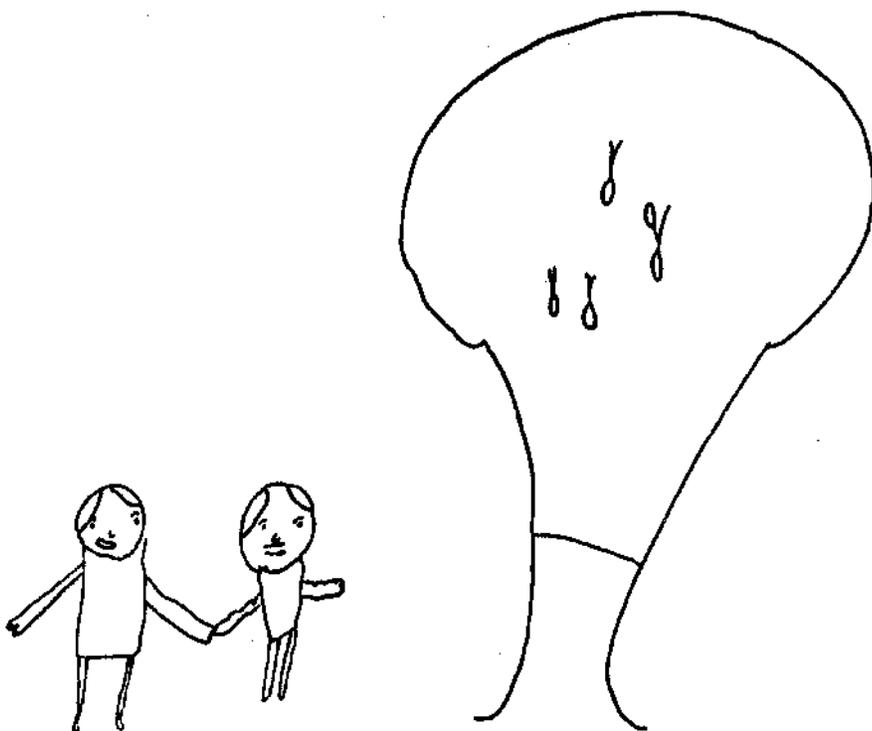


Figura 4: Segundo desenho de R., realizado no final da Entrevista de Devolução, sobre o tema: "Desenhe como você se imagina depois do tratamento".

#### Discussão dos resultados

Em primeiro lugar, convém ressaltar que os protocolos foram submetidos a uma análise clínica ou qualitativa, a fim de se aproveitar a riqueza e profundidade

que a interpretação do Desenho Grupai pode proporcionar na avaliação clínica. Portanto, deve-se considerar que a ausência de normas de avaliação objetivas faz com que se utilize preponderantemente a experiência clínica dos avaliadores, o que acarreta certa deficiência em termos de representatividade e generalização dos resultados. Embora com restrições também com relação ao número reduzido de sujeitos, acreditamos que o presente estudo pode suprir, ainda que modestamente, a falta de pesquisas que atestem o valor desse procedimento para a clínica psicológica. Considerando-se ainda as dificuldades para se proporem normas de avaliação para um instrumento clínico, acreditamos que a técnica poderá ser validada através de estudos futuros.

O Desenho Grupai de Mães combina um processo gráfico e um processo verbal, funcionando como facilitador do processo de investigação psicológica quando utilizada como técnica auxiliar ao diagnóstico psicológico infantil. Se considerarmos o grupo como um agente de sensibilização a mudanças, vemos que esta técnica auxilia a mobilização dos aspectos positivos das crianças e das mães, buscando desenvolver nestas uma atitude mais ativa e compromissada diante das dificuldades dos filhos, ao mesmo tempo em que se vislumbram possibilidades de solução para os problemas até então tidos como "insolúveis".

A técnica proposta revelou-se também um importante auxílio na entrevista devolutiva com as mães, servindo como ponto de partida para engatilhar os conteúdos a serem devolvidos. Procuramos remeter aquilo que tínhamos a devolver ao material colhido no desenhar (à maneira como cada mãe interagiu no grupo), mostrando-lhe suas dificuldades em contraposição com os recursos de que dispõe, mas que não estão podendo ser instrumentalizados para superá-las. Desse modo, a técnica empregada transcende o objetivo de funcionar como um mero instrumento diagnóstico, constituindo um importante recurso auxiliar no manejo da entrevista de devolução.

Além dessas vantagens, é uma técnica de trabalho econômica do ponto de vista da instituição, à medida que possibilita o atendimento simultâneo de um maior número de pessoas. Por outro lado, possibilita concentrar os esforços do profissional no trabalho de orientação e de intervenções terapêuticas. O diagnóstico, por ser agilizado, permite uma intervenção mais imediata para cada caso, através da ampliação da capacidade de absorção da instituição. Possibilita ainda uma seleção dos casos que de fato requerem um atendimento clínico e que tenham condições reais de motivação e participação para um processo de ajuda.

### Conclusão

A partir dos resultados obtidos, concluímos que o procedimento é útil e seguro para uma avaliação de aspectos da dinâmica de personalidade das mães e se constitui num instrumento eficaz de comunicação de fantasias aperceptivas verbais, podendo ainda funcionar como uma forma de entrevista psicológica.

Constatamos que o Desenho Grupai de Mães, de acordo com a proposta apresentada, articula-se dentro do processo mais amplo do psicodiagnóstico da seguinte maneira: a) explicitando as fantasias de doença e de cura que o problema de aprendizagem faz emergir na família, assim como as expectativas em torno de uma intervenção psicológica; b) possibilitando uma percepção das capacidades reparatórias dos pais e direcionando-as em um sentido construtivo; c) favorecendo

a devolução para as mães daqueles aspectos inconscientes da dinâmica familiar projetados nos desenhos e nas verbalizações espontâneas durante a sua realização, bem como o nível de comunicação existente na família; d) facilitando a inter-relação entre os elementos do grupo, pelo caráter lúdico da atividade e propiciando que se trabalhe a partir de sua dinâmica própria e do papel que cada membro desempenha; e) utilizando a capacidade facilitadora do grupo, visando futuro atendimento terapêutico ou trabalho de orientação em grupo.

De um modo geral, o trabalho ora apresentado demonstra que o procedimento diagnóstico com as mães, complementar à investigação realizada com as crianças, pode ampliar os sintomas apresentados por estas, à luz da situação familiar. O desenho com as mães pode revelar, ao lado de dados complementares à anamnese, importantes características de personalidade dos pais, assim como o lugar que os filhos ocupam em seus imaginários e as reações, fantasias e temores emergentes na relação dos próprios pais com a situação de aprendizagem. Ao final, pode-se eventualmente estabelecer uma correlação entre os sintomas apresentados pela criança com a maneira pela qual os pais operam no nível cognitivo e emocional, uma vez que as dificuldades da criança são vistas como emergentes de uma situação familiar problemática, e não como uma disfunção em si mesma.

#### REFERÊNCIAS

- EL-ID, K. (1985) *Psicodiagnóstico de Crianças em Grupo: Análise de uma Experiência*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalho não publicado.
- JUBELINI, S. R. (1984) Psicodiagnóstico Grupai. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 34 (2).
- MACEDO, R. M. et ai. (1984) *Psicologia e Instituição: Novas Formas de Atendimento*. São Paulo: Cortez Ed.
- SANTOS, M. A. e ARRUDA, M. L L (1986a). O Psicodiagnóstico Infantil em Grupo: Relato de Uma Experiência em Instituição. *Ciência e Cultura*, 38, 7, Suplemento. Resumos da 38ª Reunião Anual da SBPC, p. 1057.
- SANTOS, M. A. e ARRUDA M. L L. (1986b). O Desenho Grupai na Avaliação de Personalidade de Mães de Crianças no Contexto do Grupo Diagnóstico. *Ciência e Cultura*, 38, 7, Suplemento. Resumos da 38.<sup>a</sup> Reunião Anual da SBPC, p. 1057.

---

Texto recebido em 1 2/7/86.